2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 25. QUINTA FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1850. 9.º ANNO.

A PHYSIOLOGIA

DA

PAIXÃO DE JESU CHRISTO.

Qua Christiani omnes ergo SS. Jesu Chisti Humanitatem tenemur, observantia, non sine modesta quadam circumspectione sermonem de illa nos habere permittit.

Calmet.. *Dissert.*

400 Eram chegados os tempos annunciados nas Prophecias. O Imperio Romano começava a desabar minado nas entranhas pela corrupção interior. Conquistado o Occidente e o Oriente, fechado o templo de Jano, reinava na terra a paz octaviana. A mão do conquistador das Gallias deixára de pesar sobre o mundo; e o mundo escutava fremente o echo da ruidosa dissolução de Roma. O punhal de Bruto, atravessando o peito de Cesar, fôra cravar-se no coração do imperio — a tunica lacerada que Antonio mostrava ás turbas, era imagem symbolica do latino explendor.

Já nem lhe podéra valer a republicana austeridade. Roma subíra pela violencia á maior gloria a que uma nação póde vaidosamente aspirar; devia por consequencia morrer de morte violenta. Tudo era extincto no coração desses filhos degenerados do antigo Lacio: sentimentos de patria, de familia, de religião, e de gloriosas tradicções. O mundo romano largára redea solta á vertigem da dissolução, que lhe não deixava vêr a profundidade do abysmo. Todos corriam para elle arrastados por céga fatalidade.

Ninguem nesse imperio florescente reparava em tamanha quéda. As sybillas eram mudas, os oraculos tinham perdido a falla. A philosophia disputava, o senado discutia, a plebe clamava por novos espectaculos, por continuas distribuições de dinheiro. Cesar admirava-se na sua apotheose. Soltos os diques á torrente da immoralidade, as leis mal podiam moderar-lhe o correr impetuoso; eram todas insufficientes; sem força nem vigor, porque não assentavam em nenhum elemento dos que os homens só respeitam, em nenhum principio de religião. Grandes e pequenos, nobres e plebeus, ricos e pobres, sabios e ignorantes, todos estavam polluidos até á medulla dos ossos. O estado era apenas um nome, a familia uma ironia, a religião um sarcasmo, uma abominavel impiedade. A nova Babylonia revolvia-se n'um leito de crimes, de sangue, de torpe impudicicia.

As legiões inauguravam e depunham o imperador; os senadores obedeciam covardes e envilecidos; o povo applaudia todas as revoluções. Anniquilados os naturaes instinctos de virtude e de humanidade, o cidadão romano já não corria como nos tempos de Coriolano em defesa dos seus direitos; bastava-lhe a turbulencia dos pretorianos; os tu-

multos das praças; o lugubre sussurro do circo escorrendo sangue. Não ha crime por mais horroroso, nem escandalo por mais despresivel, que a cidade sagrada não contemplasse impunemente.

A historia refere a vida de certas familias, e das mais consideradas no imperio, cuja herança fatal se perpetuava em crimes e devassidões. Domicio, Druso, Nero, Tiberio, Junia, Julia, Agrippina, Messalina, etc., todos estes nomes abominaveis pertencem á mesma stirpe, que a severidade de Tacito flagella em seus rigidos Annaes. As mortes violentas, a deshonra, a prostituição, os envenenamentos, os incestos, o perjurio, o roubo, são o rotulo ignobil com que a historia marcou essa familia affrontosa. A primeira perseguição que soffreram os christãos foi em tempo de Nero que lhes quiz attribuir o incendio da cidade. Depois de ter sacrificado a Ceres, Vulcano e Proserpina, sem poder applacar a irritação das turbas por tamanho maleficio, virou o seu furor sanguinario contra os sectarios da nova religião, fazendo-lhes pagar o crime de que elle fôra o detestavel auctor. Alguns delles, vestidos de pelles de animaes, serviram de pasto á voracidade dos cães — os outros, untados de resinas, e materias inflammaveis, arderam nos jardins, allumiando as folias do imperador incestuoso.

Este espectaculo foi do gosto do povo, como eram todos aquelles em que escorria o sangue humano. Estes, sobre todos, engolphavam a plebe em summa deleitação. *His nam plebecula gaudet*, diz o lyrico romano. — Santo Agostinho, se nos não falha a memoria, refere o facto de uma pessoa virtuosa, a quem repugnavam por principios religiosos similhantes crueldades, e que se deixou enlevar, n'um dia de desvario, do mesmo enthusiasmo, que arrebatava todo o circo. Além destes combates, em que muitas vezes o gladiador era obrigado a suicidar-se á voz dos cem mil espectadores, que lhe clamavam, *recipe ferrum*, outros espectaculos havia, em cuja peripecia sanguinaria o povo se deleitava. Tal era o drama de Laureolo, onde a scena final representava um verdadeiro supliciado na cruz, depois cruamente devorado pelas féras.

Isto era simples. O grande drama precisava de mais numerosos actores. Só na naumachia de Claudio se conta que morreram dezenove mil pessoas. E ninguem reclamou. *Arbitria principum pro legibus erant.* Podia já dizer-se o que Salviano exprimiu depois, na completa decadencia do imperio com incomparavel energia — que o titulo de cidadão romano era despresivel, não só por vil, mas por abominavel. A plebe era ignorante, orgulhosa e depravada, pobre e sensual, sem nenhum sentimento elevado, sem a menor noção dos seus deveres, sem nenhum cuidado pelos interesses da patria. O egoismo tinha suffocado todas as tendencias generosas. Roma era um foco permanente de estupidas sedições, a plebe o viveiro inexgotavel, onde os conspiradores recrutavam alternadamente. E o viveiro crescia e multiplicava de modo, que se tornava urgente devastal-o a miudo. — Assim a guerra se convertia em necessidade social, arredando para longe da cidade uma parte da sua turbulenta povoação. A grande cratera arrojava para os campos a escoria daquella plebe indomita, que continuamente se sublevava e projectava contra o governo.

Como não havia senão ricos e pobres, grandes proprietarios e homens sem fortuna alguma, que importava aos poderosos postergar as leis, que interesse no proletario em as respeitar? A grande propriedade tomou dimensões de que não ha exemplo na historia moderna. Refere Plinio, que só os bens confiscados por Nero a seis ricos proprietarios constituiam metade da Africa proconsular. Todas as subtis invenções dos jurisconsultos romanos para curar essa lepra que devorava o imperio, eram illudidas e sofismadas na pratica. É este talvez o unico symptoma de decadencia que se póde julgar previsto, mas nunca desvanecido. Torna-se notavel com effeito a pertinaz constancia com que os legisladores tentavam pear os exces-

sos da accumulação da propriedade. Definindo por um lado e estabelecendo irrefragavelmente o direito, por outro como que subrepticiamente lhe minam a base em que ella assenta. Os modernos communistas são uus pobres de espirito a par daquelles famosos niveladores.

Tambem os escandalos e torpesas da grande propriedade eram irritantes. A acquisição fazia-se pelo roubo descarado, continuava-se pelo roubo, crescia e multiplicava por esse meio ignobil. As confiscações locupletavam os principes, as depredações os proconsules; o imposto era uma mina para todos os que podiam sangral-a. A usura, apesar das leis, vinha a ser tambem um meio de enriquecer promptamente. Perguntando-se a Catão o que era a usura — *quid est fœnerari* — respondeu — *quid est hominem occidere* — e todavia Catão era um onzeneiro de saquinho. Rivalisava-se em qual possuiria mais colossal fortuna. O proprio Cicero (e passava por pessoa honesta) havia por tal fórma enriquecido no governo das provincias, que edificou um palacio no monte Palatino de extrema magnificencia. Era ella tal que nem Cresso lhe pôde nunca chegar ao preço extraordinario. Além deste possuia outros *(diversoria)* em varias provincias, onde costumava repousar, quando viajava. O grande orador gaba-se de haver construido para sua filha um templo magestoso.

Todas estas immensas e colossaes riquezas dispendiam-se prodigamente em profusões de toda a especie; em banhos, onde recendiam os mais suaves aromas da Arabia; em festins, onde a gula nunca estava satisfeita; em saraus, onde a lubricidade refinava em promiscuas torpesas. Octavio comprava a Tiberio um barbo por deseseis contos de réis. Apicio, o glotão, suicidava-se por possuir apenas tresentos e trinta contos. Um Vedio Pollião mandava lançar escravos nos viveiros para engordar moréas; Crasso deitava luto pela morte de um destes peixes.

Povo que soffria tão desenvoltas audacias estava de certo abaixo do cavallo de Caligula, ou do macaco de Nero. As leis sumptuarias enriqueciam o fisco, mas não enfreavam os ardores da dissolução.

A familia não existia. Os lares domesticos eram continuamente manchados pelo incesto e pela prostituição. Não havia respeito algum pelas mulheres. O Censor Metello dizia, que se a especie humana pudesse perpetuar-se sem ellas, fôra um grande beneficio para a republica exterminar tão grande mal. Como nenhum interesse levava ao matrimonio, o celibato era a condição commum. Promulgada a lei Pappia Poppéa, o divorcio constituia o adulterio legalisado. Os infanticidios eram frequentes, as exposições numerosas em todas as vias publicas. A vestal polluira o véu do santo pudor; todas sacrificavam á Venus impudica. Tão desenfreado corria o delirio das paixões brutaes, que o senado viu-se constrangido, no anno XIX de J. C., a prohibir ás filhas, netas e viuvas dos cavalleiros romanos, de darem seu nome no livro policial das que traficavam com o corpo. Tacito refere, que altas matronas se declaravam meretrizes para evitarem as penas contra a prostituição.

Ahi está o quadro daquelle grande Imperio. Servidão abjecta no vulgo; nenhuma noção dos direitos, nenhuma observancia dos deveres. Corrupção profunda em toda a aristocracia. O mundo romano é um grande corpo gangrenado, comido nas entranhas pelo verme dos sepulchros. Não hade ser elle quem recolha os restos da sua civilisação moribunda: por baixo desse povo, nas camadas mais humildes, já lavra o germen da nova Religião. A Roma dos Cesares é menos admiravel que a Roma das catacumbas. Eram chegados os tempos annunciados nas Prophecias.

Em todo o Oriente e Occidente reinava a crença da vinda do Messias. As religiões da Assyria, da India, do Egypto, conservam a tradicção da primitiva queda do homem; todas inculcam a esperança da sua rehabilitação. Na religião hebraica era este ponto de fé tradiccional e secular. Nos livros dos Prophetas a vida de Jesu Christo está por inteiro revelada, desde o nascimento obscuro

até á consumação do sacrificio. Os hebreus sabiam que eram decorridas as setenta semanas de Daniel, e esperavam com anciedade a manifestação do Salvador.

Tendo Augusto pacificado o mundo, como estava escripto, mandou proceder a um recenseamento geral. Maria, da raça real de David, e casada com Joseph de Nasareth, vae inscrever-se em Bethléem, logar do seu nascimento. Ahi n'uma gruta que servia de presepio, a Virgem Immaculada dá á luz o Redemptor. Os pastores accorrem a adoral-o; e os Magos vindos da Arabia, guiados por uma nova constellação, atravessam a Judéa para lhe offertarem o incenso, o oiro e a myrrha. É notavel a passagem de Chalcidio, philosopho platonico, a este respeito. Outro successo, diz elle, muito mais santo e digno de veneração nos falla do apparecimento de uma estrella, que não presagiava nem mortes, nem doenças, mas a vinda de um Deus á terra, para viver entre os homens, e enchel-os de seus favores. Os Magos, tendo visto esta estrella durante a noite, como eram instruidos no conhecimento dos astros, foram em procura do Deus recem-nascido; e como o encontraram, lhe offereceram as oblações condignas de tão grande Magestade.

O governo de Herodes teve conhecimento destes factos, e receou do incremento da crença popular. Como ignorava qual fosse o Messias, decretou a barbara degollação dos innocentes. Maria foge para o Egypto com o Divino Filho, e só volta para Nazareth, quando sabe a morte de Herodes, e Archelau em posse do throno. Toda a adolescencia de Jesus diz-se passada em laboriosa obscuridade. Construia jugos e charruas: os jugos, que eram para domar a velha idolatria; as charruas, para abrirem o sulco da civilisação moderna. Os evangelhos apocryphos contam mui piedosas e innocentes historias sobre essa phase obscura da vida do Salvador; narrações que a Egreja reprova e por isso as callamos.

Na edade de trinta annos, Jesus appresenta-se a João, grande Propheta, que vivia retirado em Beth-habarah, nas margens do Jordão; e ahi prégava a vinda do Messias. João reconheceo por Filho de Deus, da raça de David, e Redemptor do Mundo.

Desde esse momento começa a inauguração da nova lei. Christo préga uma doutrina até então ignorada por toda a gentilidade. O seu reino não é deste mundo; por isso manda pagar a Cesar o que de Cesar fôr; mas proclama a egualdade e fraternidade entre todos os homens, e funda o reino espiritual, d'onde deriva a liberdade de consciencia. Todos os seus preceitos assentam na fé, na esperança, no intranhavel amor do proximo. Quando fallava ao povo, as turbas apinhavam-se, escutavam-no em silencio, logo admiradas, arrebatadas e convertidas á nova lei. É que ninguem soube nem saberá jámais tão profundamente os males do genero humano — ninguem fallou nem fallará jámais de tão perto ao coração do povo. Exaltava os humildes e abatia os soberbos. Sacudia os vendilhões do templo; e confundia os doutores da velha synagoga com as simples maximas do amor divino.

Schlegel cita uma carta do consul Lentulo, que estava em Jerusalem, relativa ao retrato do divino Redemptor. Chegou, diz o Romano, a esta cidade, onde se acha ainda, um homem extraordinario. Chama-se Jesus: muitas pessoas o consideram como um propheta de verdade: e os adeptos lhe chamam o filho de Deus. Cura os enfermos e resuscita os mortos. É de aspecto veneravel, alta estatura, e por tal modo respeitosa, que a todos inspira amor e humildade. O cabello é castanho, espesso, e alisado na testa, onde está separado á moda dos Nazarenos, cahindo-lhe depois em madeixas ondeantes sobre as espaduas; a fronte é vasta, o rosto sereno, sem rugas nem manchas, e um tanto córado; a bocca e o nariz são de uma fórma perfeita; a barba, que elle deixa crescer, é da côr dos cabellos, não muito comprida, e separada no queixo; as suas feições respiram a perseverança e a candura; os olhos são grandes e brilhantes; terriveis quando reprehende; suaves, e cheios de bondade quando exhorta e aconselha. Lê-se-lhe na physionomia uma completa confiança; está sempre serio: nunca ninguem o viu rir, posto que por mais de uma vez tenha chorado. Falla pouco; mas tudo o que diz é auctorisado: finalmente tudo em tal homem parece sobrehudade.

Esta carta do Consul Lentulo, posto que se não tenha provado ser apocrypha, não passa comtudo ainda por authentica. Em todo o caso o retrato representa fielmente a descripção dos Evangelistas. Nos tempos heroicos do Christianismo, os primeiros fieis tinham egual idéa do Salvador do Mundo. Nicephoro refere que então

se espalharam muitas imagens de Jesu Christo, de seus parentes e dos Apostolos, tiradas por S. Lucas, que era excellente pintor. S. João Damasceno conta que o Rei Abgar, desejando possuir o retrato do filho de Deus, lhe enviára um artista celebre, que não pôde fazer obra capaz. Jesu applicou então a téla sobre o rosto; e mandou ao santo Rei a sua imagem perfeitissima. Resta ainda tambem uma carta de Abgar e outra, em resposta, de Jesu Christo que ambas passam por apocryphas. Os santos Padres reprovam aquella passagem de S. Damasceno, e põem em duvida a celebre historia da estatua de Jesus, que uma certa mulher mandou erigir, e se conservára, diz-se, até aos tempos de Juliano Apostata. Egualmente ninguem accredita na imagem, que Alexandre Severo guardava entre varias outras de falsos deuses, e de altos varões da antiguidade gentilica: e menos ainda n'aquella que uma christã herege pendurára entre os retratos de Homero e de Pythagoras.

O que parece provado é que as sagradas imagens de Christo e da Virgem eram rarissimas nos tres primeiros seculos do Christianismo, como consta por S. Agostinho. Em tempos de Constantino, Constancia, irmã deste Imperador, empenhou-se com Eusebio, Bispo de Cesaréa, para obter o retrato do Redemptor; isto confirma plenamente o que acabamos de dizer. Mas do seculo terceiro por diante encontram-se nas catacumbas christãs muitas imagens de Jesu Christo, e todas conformes com o mesmo typo. A mais perfeita é a que se achou pintada na abobada de uma das capellas do tumulo de S. Calixto, e que todos os pintores modernos copiaram fielmente. Este retrato em nada differe da descripção do Consul Lentulo, acima referida.

Na edade media varios heresiarchas, falsos prophetas, e a propria gentilidade, quizeram deprimir o merecimento da obra da Redempção, attribuindo ao divino Mestre uma tal humildade de fórmas exteriores, indigna do filho de Deus. Isto deu lugar a largas controversias, e modernamente a eruditissimas dissertações. O que nos custa a crer, é que haja ainda alguem tão recioso, que julgue seriamente abalada a religião com a futilidade dessa impia hermeneutica.

Ora o que depois a incredulidade pagã, e o philosophismo das escholas accusaram em Jesu Christo, e na sua doutrina, já a synagoga lhe reprehendia, quando o filho da Immaculada propagava a divina palavra. A seita, sobretudo, incontinente e poderosa dos phariseus jurára tomar vingança. Conduzem-no ao synhedrio, denunciam-no como blasphemo, corruptor da mocidade, amotinador dos povos e grande revolucionario. O povo, illudido pelos discursos embaidores da synagoga, accreditando mais n'um Messias conquistador, do que na doutrina incomprehendida da rehabilitação humana, applaude feroz a perseguição dos phariseus. Arrancam do pretor, á força de ameaças, uma sentença de morte; e a final suppliciam na Cruz o Filho do Deus vivo.

Estavam as prophecias realisadas: consummado o sacrificio; a culpa lavada; o genero humano rehabilitado perante o Ommipotente.

Os primeiros seculos do Christianismo foram dolorosissimos. Das perseguições que soffreram os sectarios da nova Religião, não ha exemplos mais horrorosos na historia. Já atraz fallámos das crueldades de Nero; as que se lhes seguiram não foram inferiores. A fé salvou o dogma. Não é menos admiravel o combate espiritual, que a Egreja encetou contra a philosophia gentilica e a heresia revoltosa, do que a resignação e paciencia com que ella soffreu o martyrio durante seculos. Os primeiros Santos Padres foram um prodigio de rasão, de eloquencia, de profundissima litteratura. Era impossivel resistir-lhes. O Christianismo levou de vencida a dialectica dos sophistas, os erros e prejuisos arreigados das velhas crenças. *Les dieux s'en vont.*

Nos tempos modernos a philosophia levantou de novo o collo, e apellou para a sciencia em favor da incredulidade. A rasão insurgiu-se contra a doutrina, que primeiro lhe definiu e garantiu a liberdade. Não fallamos da critica de Voltaire ou Dupuis, que a Egreja rebateu victoriosa e promptamente; mas dos ataques dirigidos contra as verdades reveladas por essa nova seita de visionarios allemães, cuja impiedade deriva das nebulosidades de Hegel.

A Exegese pertende o que ainda não foi concedido, nem de certo o será, ao espirito humano. Como a Medicina tambem foi chamada ao pleito, daremos em resumo o estado da questão, transcrevendo o que o reverendo Wiseman diz sobre o assumpto, e não dezejando de modo algum prejudical-o com a humildade das nossas reflexões. Limitamo-nos especialmente ao ponto da Resurreição.

« Concebe-se, diz Wiseman, que assim como

S. Paulo considera o facto da Resurreição como um dos principaes fundamentos da nossa fé, assim os inimigos do Christianismo, em tempos antigos e modernos nada teem despresado para abalarem essa pedra fundamental da nossa crença. O methodo mais directo tem consistido em controverter a realidade da morte do Redemptor; e se julgarmos pelo modo com que S. João insiste em todas as circumstancias dos ultimos momentos da vida de Jesu Christo, parece evidente que já em seu tempo se duvidava de tão solemne e grave acontecimento. Os incredulos modernos que se não atrevem a negar a virtude e sanctidade de Christo, imaginaram um meio subtil de explicar a Resurreição, querendo provar pela physiologia, que o Salvador fôra despregado em estado de morte apparente. Paulo, Dam e outros adoptam esta opinião; (*) e referem factos pelos quaes se prova que pessoas crucificadas poderam viver tres e mais dias; egualmente se apoiam na vitalidade dos dois ladrões, e na admiração de Pilatos, que não queria accreditar a palavra do Centurião. — Depois, continuam ainda, é mais que provavel, que o cancaço, a agonia mental, a perda do sangue tivessem produzido uma syncope prolongada, durante a qual o Divino Mestre foi entregue aos seus fieis amigos, em companhia dos quaes tornára a si. A lançada de Longuinhos não os faz recuar, explicando por uma interpretação subtil do texto grego a inocuidade do ferimento.

« A theologia póde perfeitamente responder a estes argumentos; e bastaria oppor-lhes a grande liberdade das hypotheses para os refutar; mas melhor foi que a propria Medicina viesse em defesa da Religião. A questão não é de todo nova — a physiologia da paixão já havia sido tratada por varios e eminentes auctores; *e até discutida nas Sociedades de Medicina.* Aquelles porém que mais moderna e scientificamente esgotaram o assumpto foram os dois Gruners. Mostraram que os tormentos da crucificação devem ser espantosos, não só pela acção dos ferimentos externos e dolorosa posição do corpo, como pela gangrena que póde ser o resultado da exposição ao sol, e os effeitos daquella posição sobre a circulação e outras funcções da vida. As congestões mortaes podem ser egualmente a consequencia della. Se os dois ladrões resistiram por mais tempo, que admira? válidos e robustos podiam supportar mais facilmente a condemnação. Demais o Redemptor jazera toda a noite antecedente ao supplicio em continua tortura, luctando com tão mortal agonia, que lhe sobreveio um suor de sangue, raro e perigossimo phenomeno pathologico. Quanto á lançada, é mais que provavel que fosse do lado esquerdo, dirigida transversalmente e debaixo para cima; e movido o golpe pelo braço robusto de um soldado devia em todo o caso produzir um ferimento mortal. O brado extremo que o Redemptor soltou na sua extrema hora, diz Gruner, que denuncia uma congestão violenta e mortal do coração. A agua que manou do divino lado podia provir de uma molestia de pleura ou pericardio, que mais aggravava e apressava as consequencias do supplicio. Finalmente, Christian Gruner, accrescenta que as palavras de que usa S. João para exprimir o golpe da lança são muitas vezes empregadas para indicar um ferimento mortal. Considere-se ainda que o Divino Mestre distingue perfeitamente as feridas dos pés e das mãos da ferida que traz no peito; quando manda a Thomé, que lhe apalpe com os dedos as primeiras, e a ultima com a mão aberta. Por ultimo, admittindo mesmo o estado de morte apparente, qualquer sangria na syncope deve considerar-se como de um resultado provavelmente mortal. (*)

Assim como a Medicina se vingou gloriosamente dos que a queriam fazer servir a tão impios intentos, todas as outras sciencias successivamente tem vindo cada vez mais confundir e despedaçar a depravada argumentação da exegese moderna.

(*) O professor de theologia dogmatica *Paulo* suppõe que Jesu Christo morrêra de uma febre ethica. Brennesche que depois da Crucificação, Christo vivêra ainda vinte e sete annos solitario, trabalhando em beneficio da humanidade.

(*) Se nos é permittido accrescentar mais uma conjectura em favor de tão divina verdade, lembraremos; que não é provavel muita humanidade no coração de um soldado romano. O povo tinha pedido a Pilatos a morte immediata dos dois ladrões, por causa da festa da Pascoa, que começava nessa mesma noite. Era necessario que os corpos estivessem enterrados. Jesu Christo foi despregado da Cruz, sem haver necessidade de lhe applicarem os flagicios, com que acabaram a vida aos dois ladrões, fracturando-lhes os ossos. Como porém não era habitual vêr expirar os crucificados em tão poucas horas, e bem o demonstra a admiração do Pretor; nada mais verosimil, que Longuinhos cravar a lança profundamente no peito de Jesu Christo, mesmo com o sentido de o matar, se ainda não estivesse morto. Em tempos menos barbaros se tem praticado acções desta natureza. Os militares contam mais de uma historia analoga á horrorosa lembrança do soldado romano.

O ultimo livro, (por certo o mais audacioso ataque ás verdades reveladas), que veio em nossos dias accender e renovar a questão, é a obra do Dr. Strauss, discipulo genuino de Hegel e Spinosa, intitulada a Vida de Jesu Christo Nella o auctor nada admitte de historico na paixão. Nega tudo, desde a scena do Jardim das Oliveiras até á extrema agonia. Tudo suppõe um mytho, uma *figuração*, uma copia imaginosa das lamentações de Jeremias.

Como o livro do doutor allemão não parece ter sido escripto para o povo, nem mesmo para aquelles que mais estudiosamente se dedicam á phylosophia especulativa, é inutil repetir as criticas que se lhe tem feito, cuja maior auctoridade assenta incontestavelmente na intima crença da Redempção do mundo.

DR. THOMAZ DE CARVALHO.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

A CRUZ MUTILADA.

Convento de Santa Anna (Collares), 8 de Outubro de 1849.

401

Amo-te, oh cruz, no vertice firmada
De esplendidas igrejas;
Amo-te quando á noite, sobre a campa,
Junto ao cypreste alvejas;
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,
As preces te rodeam;
Amo-te quando em prestito festivo
As multidões te hastêam;
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,
No adro do presbyterio,
Ou quando o morto, impressa no ataúde,
Guias ao cemiterio;
Amo-te, oh cruz, até, quando no valle
Negrejas triste e só,
Núncia do crime, a que deveu a terra
Do assassinado o pó:
Porém quando mais te amo,
Oh Cruz do meu Senhor,
É se te encontro á tarde.
Antes de o sol se pôr,

Na clareira da serra,
Que o arvoredo assombra,
Quando á luz que fenece
Se estira a tua sombra,

E o dia ultimos raios
Com o luar mistura,
E o seu hymno da tarde
O pinheiral murmura.

—

E eu te encontrei, n'um alcantil agreste,
Meia-quebrada, oh cruz. Sósinha estavas
Ao pôr do sol, e ao elevar-se a lua
Detraz do calvo cerro. A soledade
Não te pôde valer contra a mão impia,
Que te feriu sem dó. As linhas puras
De teu perfil, falhadas, tortuosas,
Oh mutilada cruz, fallam de um crime
Sacrilego e brutal; de mais, inutil!
A tua sombra estampa-se no solo,
Como a sombra de antigo monumento,
Que o tempo quasi derrocou, truncada.
No pedestal musgoso, em que te ergueram
Nossos avós, eu me assentei. Ao longe,
Do presbyterio rustico mandava
O sino os simples sons pelas quebradas
Da cordilheira, annunciando o instante
Da *Ave-Maria;* da oração singela,
Mas solemne, mas santa, em que a voz do homem
Se mistura nos canticos saudosos,
Que a naturesa envia ao céu no extremo
Raio de sol, passando fugitivo
Na tangente deste orbe, ao qual trouxeste
Liberdade e progresso, e que te paga
Com a injuria e o despreso, e que te inveja
Até, na solidão, o esquecimento!

—

Foi da sciencia incredula o sectario,
Acaso, oh cruz da serra, o que na face
Affrontas te gravou com mão profusa?
Não! Foi o homem do povo, a quem consôlo
Na miseria e na dôr constante has sido
Por bem dezoito seculos: foi esse
Por cujo amor surgias qual remorso
Nos sonhos do abastado ou do tyranno,
Bradando «*esmola!*» a um; «*piedade!*» ao outro.

Oh cruz, se desde o Golgotha não fôras
Symbolo illustre de uma crença eterna;
Se a nossa fé em ti fosse mentida,
Dos oppressos de outr'ora os livres netos
Por sua ingratidão dignos de opprobrio,
Se não te amassem, ainda assim seriam.
Mas és núncia do céu, e elles te insultam,
Esquecidos das lagrymas perennes
Por trinta gerações, que guarda a campa,
Vertidas a teus pés nos dias torvos
Do seu viver d'escravidão! Deslembram-se
De que, se a paz domestica, a puresa
Do leito conjugal bruta violencia
Não vae contaminar, se a filha virgem
Do humilde camponez não é ludibrio
Do opulento, do nobre, oh cruz, t'o devem;
Que por ti o cultor de ferteis campos
Colhe tranquillo da fadiga o premio,
Sem que a voz de um senhor, qual d'antes, dura
Lhe diga: « é meu, e és meu! A mim deleites,
« Liberdade, abundancia: a ti, escravo,
« O trabalho, a miseria unido á terra,
« Que o suor dessa fronte fertilisa,
« Em quanto, em dia de furor ou tedio,
« Não me apraz com teus restos fecundal-a. »

Quando calada a humanidade ouvia
Este atroz blasphemar, tu te elevaste
Lá do oriente, oh cruz, involta em gloria,
E bradaste, tremenda, ao forte, ao rico:
« Mentira! » E o servo alevantou os olhos,
Onde a esperança scintillava, a medo,
E viu as faces do senhor retinctas
Em pallidez mortal, e errar-lhe a vista
Trépida, vaga. A cruz no céu do oriente
Da liberdade annunciára a vinda.

—

Cansado, o ancião guerreiro, que a existencia
Desgastou no volver de cem combates,
Ao vêr que, emfim, o seu paiz querido
Já não ousam calcar os pés d'estranhos,
Vem assentar-se á luz meiga da tarde,
Na tarde do viver, junto do teixo
Da montanha natal. Na fronte calva,
Que o sol tostou e que enrugaram annos,
Ha um como fulgor sereno e sancto.
Da aldêa semideus, devem-lhe todos
O tecto, a liberdade, e a honra e vida.
Ao perpassar do veterano os velhos
A mão que os protegeu apertam gratos;
Com amorosa timidez os moços
Saúdam-no qual pae. Nas largas noites
Da gelada estação, sobre a lareira
Nunca lhe falta o cepo incendiado;
Sobre a meza frugal nunca, no estio,
Refrigerante pomo. Assim do velho
Pelejador os derradeiros dias
Derivam para o tumulo suaves,
Rodeados de affecto, e quando á terra
A mão do tempo gastador o guia,
Sobre a lousa a saudade ainda lhe esparze
Flores, lagrymas, bençãos, que consolem
Do defensor do fraco as cinzas frias.

Pobre cruz! Pelejaste mil combates,
Os gigantes combates dos tyrannos,
E venceste. No solo libertado,
Que pediste? Um retiro no deserto,
Um pincaro granitico, açoutado
Pelas azas do vento e enegrecido
Por chuvas e por soes. Para ameigar-te
Este ar humido e gelido a segure
Não foi ferir do bosque o rei. Do estio
No ardor canicular nunca disseste:
« Dáe-me, sequer, do bravo medronheiro
« O despresado fructo! » — O teu vestido
Era o musgo, que tece a mão do inverno,
E Deus creou para trajar as rochas.
Filha do céu, o céu era o teu tecto,
Teu escabelo o dorso da montanha.
Tempo houve em que esses braços te adornava
C'roa viçosa de gentís boninas,
E o pedestal te rodeavam preces.
Ficaste em breve só, e a voz humana
Fez, pouco a pouco, junto a ti silencio.
Que te importava? As arvores da encosta
Curvavam-se a saudar-te, e revoando
As aves vinham circumdar-te de hymnos.
Affagava-te o raio derradeiro,
Frouxo do sol ao mergulhar nos mares.
E esperavas o tumulo. O teu tumulo
Devêra ser o seio destas serras,
Quando, em génesis novo, á voz do Eterno,
Do orbe ao nucleo fervente, que as gerára,
Ellas nas fauces dos volcões descessem.
Então para essa campa flores, bençãos,
Ou de saudade lagrimas vertidas,
Qual do velho soldado a lousa pede,
Não pediras á ingrata raça humana,
Ao pé de ti no seu sudario involta.

—

Este longo esperar do dia extremo,

No esquecimento do ermo abandonada,
Foi duro de soffrer aos teus remidos,
Oh redemptora cruz. Eras, acaso,
Como um remorso e accusação perenne
No teu rochedo alpestre, onde te viam
Pousar tristonha e só? Acaso, á noite,
Quando a procella no pinhal rugia,
Criam ouvir-te a voz accusadora
Sobrelevar á voz da tempestade?
Que lhes dizias tu? De Deus fallavas,
E do seu Christo, do divino martyr,
Que a ti, supplicio e affronta, a ti maldita
Ergueu, purificou, clamando ao servo,
No seu trance final: « Ergue-te, escravo!
És livre, como é pura a cruz da infamia.
Ella vil e tu vil, sanctos, sublimes
Sereis ante meu Pae. Ergue-te, escravo,
Abraça tua irmã: segue-a sem susto
No caminho dos seculos. Da terra
Pertence-lhe o porvir, e o seu triumpho
Trará da tua liberdade o dia. »

Eis porque teus irmãos te arrojam pedras,
Ao perpassar, oh cruz! Pensam ouvir-te
Nos rumores da noite a antiga historia
Recontando do Golgotha, lembrando-lhes
Que só ao Christo a liberdade devem,
E que impio o povo ser é ser infame.
Mutilado por elle, a pouco e pouco,
Tu em fragmentos tombarás do cerro,
Symbolo sacrosancto. Hão-de os humanos
Aos pés pisar-te; e esquecerás no mundo.
Da gratidão a divida não paga
Ficará, oh tremenda accusadora,
Sem que as faces lhes tinja a côr do pejo;
Sem que o remorso os corações lhes rasgue.
Do Christo o nome passará na terra.

—

Não! Quando, em pó desfeita, a cruz divina
Deixar de ser perenne testimunho
Da avita crença, os montes, a espessura,
O mar, a lua, o murmurar da fonte,
Da naturesa as vagas harmonias,
Da cruz em nome, fallarão do Verbo.

Della no pedestal, então deserto,
Do deserto no seio, ainda o poeta
Virá, talvez, ao pôr do sol sentar-se;
E a voz da selva lhe dirá que é sancto
Este rochedo nú, e um hymno pio
A solidão lhe ensinará e a noite.
Do cantico futuro uma toada
Não sentes vir, oh cruz, de além dos tempos
Da brisa do crepusculo nas azas?
É o porvir que te proclama eterna;
É a voz do poeta a saúdar-te.

—

Montanha do oriente,
Que sobre as nuvens elevando o cume,
Divisas logo o sol, surgindo a aurora,
E que, lá no occidente,
Ultima vês seu radioso lume,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Rochedo, que descanças
No promontorio nú e solitario,
Como atalaia que o oceano explora,
Alheio ás mil mudanças
Que o mundo agitam turbulento e vario,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Sobros, robles frondentes,
Cuja sombra procura o viandante,
Fugindo ao sol a prumo que o devora,
Nesses dias ardentes
Em que o Leão nos céus passa radiante,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh mato variado,
De rosmaninho e murta entretecido,
De cujas tenues flores se evapora
Aroma delicado,
Quando és por leve aragem sacudido,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh mar, que vaes quebrando
Rolo após rolo pela praia fria,
E fremes som de paz consoladora,
Dormente murmurando
Na caverna maritima sombria,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Oh lua silenciosa,
Que em perpetuo volver, seguindo a terra,
Esparzes tua luz ameigadora
Pela serra formosa,
E pelos lagos que em seu seio encerra,
Em ti minha alma a eterna cruz adora.

Debalde o servo ingrato
No pó te derribou
E os restos te insultou,
Oh veneranda cruz:

Embora eu te não veja
Neste ermo pedestal;
És santa, és immortal;
Tu és a minha luz!

Nas almas generosas
Gravou-te a mão de Deus,
E, á noite, fez nos ceus
Teu vulto scintilar.

Os raios das estrellas
Cruzam o seu fulgor;
Nas horas do furor
As vagas cruza o mar.

Os ramos enlaçados
Do roble, choupo e til,
Cruzando em modos mil,
Se vão entretecer.

Ferido, abre o guerreiro
Os braços, sólta um ai,
Pára, vacilla, e cáe
Para não mais se erguer.

Cruzado aperta ao seio
A mãe o filho seu,
Que busca, mal nasceu,
Fontes da vida e amor.

Surges, symbolo eterno,
No céu, na terra e mar,
Do forte no expirar,
E do viver no alvor!

A. HERCULANO.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XVII.

A mensagem.

402 Luiz de Mendonça, depois que o seu amigo Francisco d'Albuquerque fôra transportado, quasi moribundo, para o Corte-Real, raras vezes saira do palacio; e por isso não tornou mais a vêr a Rainha, desde o dia em que, na toirada real, um toiro o feriu, quando apanháva a luva que Sua Magestade deixára caír das mãos. Foi para elle, pois, um momento de prazer, de pallido susto, de dôr e alegria ao mesmo tempo, aquelle em que o Infante lhe ordenou que fosse ao paço — « para restituir a Sua Magestade o lenço que tinha tido a honra de guardar, e ter por essa occasião a ventura de lhe beijar a real mão. »

D. Pedro, depois da questão que tivera com El-Rei, por causa da pendencia alevantada entre a Camareira e o Mordomo-Mór da Rainha, não voltára ao paço; mas, apezar de não ter mandado recolher de Queluz a sua recamara, tinha-se conservado no Corte-Real, não só porque assim o havia promettido á Rainha, mas tambem porque recebêra ordem expressa de seu irmão para se não ausentar de Lisboa. Sua Alteza estava desejoso de saber novas directas da Rainha por pessoa de sua caza, e foi este o motivo por que mandou chamar Luiz de Mendonça, e lhe deu a ordem que neste produziu tão encontrados e violentos sentimentos.

Era noite fechada, quando Luiz de Mendonça se encaminhou para o paço, levando uma carta do Infante para a Rainha, e o precioso lenço, de que elle se ía separar cheio de profunda magoa, porque fôra o seu unico alivio nas horas do pungente padecer, do amargo desalento, desde o dia em que havia, por um perigoso e arrojado combate, ganho o direito de o apertar ao coração, de o beijar muitas vezes, e de o ensopar nas suas lagrimas e no seu sangue.

O amor de Mendonça pela Rainha era um destes amores sem limite e sem esperança, que se alimentam dos proprios soffrimentos, que crescem regados de prantos, e lançam raizes profundas n'um coração dilacerado pela dôr. O caracter orgulhoso, frio, desconfiado e pouco expansivo do amante de Aza, do homem que trahido se vingára por um assassinio, tinha-se tornado mais melancholico, mais concentrado ainda, depois que um novo amor lhe acordara violentamente as intimas e profundas paixões. A ambição havia penetrado tambem com este amor na alma de Mendonça; Cromwel e Mazaniello eram homens sublimes que lhe faziam horror, mas que elle admirava, porque souberam ser grandes alcançando o poder e a gloria. Ás vezes o apaixonado mancebo pensava na possibilidade de chegar aos postos mais elevados, combatendo na guerra contra Castella; outras, sonhava conspirações contra o valido, e não se lhe aterrava o coração com a idéa de ser elle mesmo o assassino desse ministro, que reputava criminoso; o que elle desejava só era merecer o amor da Rainha, subir para poder chegar aos pés da mulher que amava. O desalento, que sentia pesar-lhe no coração quando estava a sós com o seu pensamento, em vez de lhe apagar o ardor da paixão, não fizera senão irrital-o contra a propria fraqueza, e excital-o a luctar com a sorte: apezar de lhe mostrar a razão que era inutil o combate, porque a sua situação tornava a victoria impossivel.

Quando se encaminhava para o Paço, onde ía fallar pela primeira vez com a Rainha, li-

geiras esperanças, a que buscava apegar-se como o naufrago procura agarrar com mão tremula a alga que boia sobre as ondas, fluctuavam mal seguras no espirito de Luiz de Mendonça. Affigurava-se-lhe sentir os olhos radiantes da formosa princeza baixarem-se simpathicamente sobre elle, e aquella bocca formosa, que elle tantas vezes adorára nos seus sonhos febrís, sorrir-lhe para o animar e dar-lhe força. Esta fugaz e tenue alegria era logo depois substituida por um quasi terror, causado pela idéa de se vêr de todo despresado, e de ser apenas recebido e tractado pela Rainha como o mensageiro do Infante, que elle sabia que era seu rival.

Foi tremulo e enfiado de susto e de esperança, com o passo incerto, e escondendo-se nas sombras, como se fôra commetter um crime, que Luiz de Mendonça atravessou o pateo da Capella e se aproximou de uma porta do Paço, estreita e pouco elevada, a que chamavam a *portaria das Damas*. A porta estava fechada, mas o mensageiro de Sua Alteza, que recebêra as necessarias instrucções de D. Rodrigo de Menezes, não hesitou em bater duas pancadas com a argola de bronze, mas tão de vagar bateu que só alguem que estivesse proximo da porta o poderia ouvir. A porta, com tudo, abriu-se immediatamente, e uma mulher embuçada n'uma manta de capuz, perguntou a Mendonça, com uma voz tremula e fanhosa, que destruiria todas as duvidas que porventura podessem nascer no espirito do mancebo ácerca da sua idade: « quem elle procurava áquellas horas, alli na *portaria das Damas do Paço.* »

— Trago uma mensagem para Sua Magestade — respondeu Luiz de Mendonça.

— A esta hora! Sua Magestade não recebe...

— É uma carta — atalhou o mancebo.

— Uma carta! — murmurou a velha porteira. — Dê-m'a, dê-me a carta para eu a levar...

— Só nas mãos da Rainha, nossa senhora, é que a posso entregar.

— Nas mãos da Rainha! Jesus! v. m. está doido! Crédo! Fallar á Rainha! Olhe, eu vou dizer á Sr.ª Camareira-mór...

— Não vá.

— Volte ámanhã, e então irei receber as ordens de Sua Magestade. — E a velha estendeu a mão para fechar a porta.

— Escute, senhora — disse Mendonça, detendo-a. — Sua Magestade quer receber-me, eu bem no sei. Vá dizer...

— Á Sr.ª Camareira-mór?

— Não. A... a Mademoiselle d'Amuraude...

— A dama franceza que veio com Sua Magestade?

— Sim.

— Essa não tem nenhum officio no Paço; não tem direito de levar cartas e recados á Rainha.

— Chame-a.

— Não, não a chamo. E tire-se senão vou queixar-me ao Sr. Mordomo-mór, ao Sr. Conde...

Neste momento um homem de capa escarlate, desceu rapidamente a escada, que dava para a *portaria das Damas*, e parou ao lado da velha porteira.

— De que se quer queixar, Sr.ª Agostinha? — perguntou elle á porteira com uma pronuncia estrangeirada, e nada correcta.

— Este cavalheiro, quer fallar a sua Magestade, a esta hora. Veja que atrevimento, Sr. Estevão de Castilho! — exclamou a velha.

— Da parte de quem? — perguntou o francez.

— Da parte de Sua Alteza — respondeu Luiz de Mendonça.

— De Sua Alteza! bom! Deixe-o entrar, Sr.ª Agostinha.

— Não, não o deixo entrar sem licença...

— É vontade da Rainha, minha senhora. Entre, entre, senhor — proseguiu Estevão de Castilho, criado francez da Rainha, dando a mão a Luiz de Mendonça, e conduzindo-o para a escada.

— Sr. Castilho, que faz v. m., que quer fazer? Não sabe...

— Sei quaes são as ordens de Sua Magestade, Sr.ª Agostinha — respondeu o francez subindo a escada.

A Sr.ª Agostinha ficou praguejando entre dentes contra os francezes, que infringiam as leis da etiqueta; em quanto os mancebos penetravam na parte do palacio real, habitada pelas damas da Rainha, por uma porta baixa, que ficava ao meio da escada.

Foi n'um longo corredor, similhante a um claustro, com portas aos lados e apenas alumiado por uma lampada suspendida do tecto por tres cadeias doiradas, que o francez deixou Luiz de Mendonça. Estevão de Castilho encaminhou-se para uma porta que ficava ao fundo do corredor, e, abrindo-a lentamente, entrou, fazendo uma profunda reverencia, n'uma sala brilhantemente illuminada, e donde saía o murmurio de

muitas vozes feminís. Apenas entrou tornou-se a fechar a porta; e Mendonça ficou só no corredor.

A principio, o namorado cavalheiro, entregue ás suas serias meditações, esperou de pé á entrada do corredor pelo criado da Rainha, que tinha promettido voltar em breve: mas vendo que se demorava mais do que promettêra, começou, levado por uma attracção irresistivel, a caminhar para a porta por onde o vira entrar. Uma voz intima lhe dizia, que era alli que estava a formosa Rainha.

Mal elle tinha, porém, dado alguns passos, as portas que ficavam de um e do outro lado do corredor, começaram a ranger ligeiramente, e pelas fendas, que mãos cautelosas nellas abriam, a apparecerem olhos vivos, que a curiosidade animava. Luiz de Mendonça admirado do que se passava, e sentindo-se o alvo da curiosidade das damas da Rainha, parou perplexo no meio do corredor, e começou a examinar com attenção cada uma das portas por detraz das quaes elle sabia que o espreitava uma dama curiosa: mas a cada movimento que fazia com a cabeça, uma porta se fechava precipitadamente e uns olhos mais ou menos bonitos desepparecíam ao som de uma gargalhada de escarneo mal comprimida.

— É elle! — disse baixo uma voz de mulher, pela fenda de uma das portas que ficavam por detraz de Luiz de Mendonça.

— Elle, quem? — sibilou outra voz da porta fronteira.

— O que na toirada...

Mendonça voltou a cabeça e immediatamente as vozes callaram, e se fecharam as portas.

— Quem será? — murmurou outra voz do lado opposto do corredor.

— Que virá fazer aqui a esta hora? — perguntou outra.

— Ouvi passos...

— Já estavas deitada?

— Ainda não.

Um novo movimento do mensageiro do Infante fez parar este dialogo, e fechar duas portas immediamente. A primeira conversação proseguiu.

— Quem disseste que era?

— O criado de Sua Alteza, que na toirada apanhou o lenço...

— Da Rainha?

— Sim.

Duas gargalhadas interromperam n'este ponto da conversação das duas damas.

— Como é que a tia Agostinha o deixou entrar? — disse uma.

— Só se foi por ordem de Sua Magestade — respondeu outra.

— Não póde ser.

— É criado de Sua Alteza, e então...

— Cala-te!

Luiz de Mendonça havia-se conservado immovel para não perturbar esta mysteriosa conversação; voltando-se porém de repente, para ver se podia descobrir quem eram as maliciosas interlocutoras, no momento em que as julgava mais descuidadas, viu á meia luz que a lampada lançava por todo o dormitorio, as cabeças de duas raparigas que riam, mostrando dentes alvos como perolas. Ambas soltaram um ligeiro grito, vendo-se descobertas, e se recolheram para os quartos, fechando as portas com precipitação. Pouco depois, como elle se conservava voltado para o lado da porta por onde entrára no corredor, o segundo dialogo, continuou.

— Deixam-n'o aqui ficar toda a noite! — exclamava uma voz.

— Elle entrou só? — perguntava outra.

— Ouvi passos de duas pessoas.

— E a outra?

— Foi para a caza do *lavor*.

— Sua Magestade ainda estará levantada?

— Está, está alli a ver bordar; e a ouvir ler.

— É tarde!

— São dez horas quasi.

— E Sua Magestade sem se recolher!

— Saberá ella...

Um rapido movimento de Mendonça, similhante ao de que poucos momentos antes tirára tão excelente resultado, fez callar immediatamente as vozes, e fecharem-se as portas dos quartos, sem que fosse com tudo possivel desta vez ao namorado mensageiro descobrir quem nelle empregava tanta curiosidade.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

EXPEDIENTE.

O Redactor da REVISTA, por justo motivo, não póde ter parte na redacção do n.º de hoje; nem póde tomar conhecimento das cartas e artigos recebidos desde o dia 21.